

RECENSÕES

CAMPOS, Moreira. *A Grande Mosca no Copo de Leite*. Contos. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, em convênio com o Instituto Nacional do Livro e Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, 136 p.

Carlos d'Alge

Acabo de ler os trinta e dois contos do novo livro de Moreira Campos. Durante o fim-de-semana entretive-me com a prosa dessa, rica em significados, das narrativas de *A grande mosca no copo de leite*. O mestre Moreira possui duas magníficas qualidades: sabe contar uma história e o seu estilo combina admiravelmente a formação clássica, cujas fontes estão em Cervantes, Tchekhov, Maupassant, Eça de Queirós e Machado de Assis, com a observação das fraquezas humanas (ou das suas mais legítimas manifestações) retiradas do cotidiano em que, a exemplo de Gorki, fala-se dos pequenos burgueses, dos modestos funcionários, dos trabalhadores do meio rural e da cidade, dos marginais, dos solitários.

A antinomia fundamental destas narrativas está na própria visão da realidade e tende a manifestar-se em campos opostos: por um lado há a nítida tendência de Moreira Campos aproximar-se do terrivelmente humano, um mergulhar nas fraquezas da espécie humana, feito às vezes até com certa ternura e compreensão, outras com implacável ironia. Por outro lado, em direção contrária, o desejo manifesto dos seus personagens em evadirem-se da realidade e aproximarem-se mais da aventura. Mas o que seria do homem sem a aventura?

Falamos em fraquezas humanas e já perguntáramos: não seriam estas as mais legítimas e as mais verdadeiras? Num

mundo em que as aparências ainda fazem o gênero de muitos, por que não privilegiar as nossas mais íntimas, e às vezes incômodas, realidades? Neste aspecto, os contos de Moreira Campos atingem o seu objetivo: desnudam-nos o homem. E nós, seus leitores, acabamos por ver refletidas nas suas narrativas as nossas imensas contradições, as nossas perplexidades e as nossas frustrações.

A riqueza da linguagem é outro aspecto a considerar. Quando falo em riqueza, pelo amor de Deus, não a julguem sob o aspecto canônico. É certo, Moreira Campos tem uma rigorosa formação humanista. O seu estilo revela muitas leituras dos nossos melhores clássicos. É possível pinçar aqui e acolá traços das suas leituras queirosianas ou machadianas. Esses traços estão patentes na predileção por determinados vocábulos, pelo impressionismo em que dispõe substantivos e adjetivos, pela sua percepção sensorial em que consegue integrar elementos trazidos pela consciência. A colocação do adjetivo passa a ser fundamental, como em *Eça de Queirós*, para assinalar o dado físico em contraste com a impressão moral. Ou o choque frontal das impressões que suscitam os contrários.

Como neste passo, no conto "As três irmãs": "Acontecia receberem a visita do senhor Bispo, quando lhe serviam o chá à moda inglesa. Então Matilda lhe tocava um trecho ao piano encimado por um jarro de flores, enquanto o senhor Bispo, gordo, em grande estampa, enchia a boca de sequilhos, sorvia o chá e amarrotava com a mão cabeluda o guardanapo bordado." Ou neste trecho de "Os moradores do casarão": "E Violeta, que nunca teve filhos, engordava, lambia os dedos e os beiços untados de manteiga. Muita banha, preguiça de sair de casa, uma ou outra nota no piano de cauda, com o jarro de flores, onde as moscas dormiam."

No primeiro trecho, atente-se para os adjetivos "gordo" e "cabeluda" (dados físicos em oposição aos dados ambientais: piano, jarro de flores, chá à moda inglesa). No segundo trecho, ainda um piano, um jarro de flores, opostos às moscas e à pobre Violeta — nome de flor — gorda e desamparadamente só.

Um outro significado importante das narrativas de Moreira Campos está na sugestão e/ou no silêncio. O silêncio ou os silêncios. O silêncio de Vânia em "A Revelação": "Havia disfarçados cochichos e silêncio, qualquer coisa dita no vão

da porta ou no mais íntimo do quarto, ao canto da janela, na imensa mansão". O silêncio de Bianca em "Os desgostos de Dona Bianca": "A voz, que veio com demora, era embargada. Era bem essa a expressão: embargada. (...) Recolheu-se em silêncio, arrastando as chinelas no vazio da casa". O silêncio de Maurício em "O Presente": "Persistia a necessidade absurda de ter de dar-se um filho. (...) Apalpou-se à procura da carteira de cigarros, que deixara no gabinete".

Gostaria de ressaltar em *A grande mosca no copo de leite*, dois contos que considero obras-primas. Em "O Anão", uma história que poderia ser assinada por Maupassant ou Tchekhov, Moreira Campos cede ao Eu-narrador. Quem conta a história é o próprio personagem — o que já é uma exceção entre as demais narrativas. O conto é todo ele uma rica metáfora. Pode ser lido em várias direções. Muitas das idéias do escritor estão aqui sintetizadas: o destino do homem, as transformações da sociedade, a aversão a mistificações políticas e religiosas, a manipulação da sociedade e a opressão dos mais pobres pelos mais ricos.

Mas é em "Nudez" que a antinomia entre o real e o conveniente cede espaço à construção de uma singular narrativa. A história poderia ser banal se não fosse tratada com a maestria de Moreira Campos. O personagem, diretor de repartição pública e presidente de um Conselho de Curadores, tem a especial satisfação de andar nu pela sua casa. Para isso trata de enviar a mulher para a residência da praia. Dama "finamente educada em colégio de freiras". Na casa, ainda um piano de cauda e uma partitura de Chopin deixada ao acaso, Acaso?

Nu, ficava em casa o fim-de-semana, só com os seus pensamentos e os seus desejos. "O território era seu, privativo, inviolável". A nudez, pensava, iria libertá-lo de muita coisa: "o ar compungido na missa do sétimo dia, o telegrama de congratulações ao senhor Governador, a defesa da família como célula mater." Enquanto o telefone toca, o "patrimônio moral" da terra olha para o sexo alentado, e responde à sua interlocutora: "Mas se a senhora quiser alguma coisa... eu estou aqui inteiramente às ordens." E, mais tarde, já vestido, vai almoçar na praia, saudando a vizinhança, "grave". Com este adjetivo, Moreira Campos encerra todo um universo de oposições entre o eu-real e o eu-convencional.